

## Jorge Borges de Macedo: entre a Europa e o Atlântico \*

Paulo Miguel Rodrigues\*\*

A sapiência e a dimensão intelectual fazem de Jorge Borges de Macedo (JBM), para além de uma personalidade apelativa, mas complexa, um dos principais historiadores portugueses, não apenas do seu tempo, mas de todos os tempos. Evocando-o, no centenário do seu nascimento (1921-2021), e (re)lendo-o, continuamos a aprender e a compreender o mundo, de forma segura, através dos seus textos, neste caso nos campos da História da Diplomacia portuguesa (HDP) e/ou das Relações Internacionais (RI).

É conveniente começar por situar a referida produção no âmbito geral da sua produção historiográfica. A partir de um *corpus* formado por 321 textos<sup>1</sup>, entre 1940 e 1995 - sem contar com as intervenções não publicadas, com os textos de carácter didáctico, nem com a colaboração em Dicionários e Enciclopédias, ou com a sua participação em programas radiofónicos ou televisionados - tendo em conta apenas monografias e artigos em revistas e outras publicações periódicas, é possível estabelecer os seguintes 4 parâmetros gerais:

1. 58 textos (18%) remetem-nos para uma produção *directamente* relacionada com as RI e a HD;
2. destes, 27 (47% ou 8% do total) são dedicados a temas relacionados com a Europa ou às relações entre esta e Portugal;
3. daqueles 58, 11 (19% ou 3% do total), dizem respeito a assuntos relacionados com o Atlântico; 6 (10%) abordam especificamente as relações anglo-portuguesas;

---

\* Terceiro de uma série de artigos publicados no âmbito do centenário do nascimento de Jorge Borges de Macedo (1921-2021).

\*\* Professor associado da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira e antigo aluno de Jorge Borges de Macedo na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<sup>1</sup> Baseámo-nos na pesquisa realizada e apresentada por José Brissos, Ana Isabel Cunha e Ana Garcia, *Jorge Borges de Macedo - Itinerário de uma vida pública, cultural e científica* (1991). Contabilizámos a produção historiográfica posterior.

4. os restantes 14 textos (24%) incidem sobre temas diversos ou análises globais, as quais, na maior parte dos casos, constituem a base para *História Diplomática Portuguesa - constantes e linhas de força* (1987), uma das suas obras de referência.

Sem surpresa – e até por ter em conta a conjuntura internacional - JBM olhou o Atlântico enquanto espaço essencial na vida *portuguesa*. O Oceano surge como a via de comunicação com o Brasil (do século XVIII) e de reforço da aliança luso-britânica. É o garante da independência de Portugal e da sua afirmação no Mundo. Nesta perspectiva, como várias vezes nos recorda, a integração europeia portuguesa - que se começou a construir muito antes da adesão à CEE - só tem sentido pela sua sustentação atlântica.

Um olhar para o Atlântico que se iniciou pela Madeira, primeiro com a recensão crítica de *Un carrefour de l'Atlantique - Madère (1640-1820)*, de Albert Silbert, apresentada em Fevereiro de 1954; depois, com *O Açúcar na Madeira nos fins do século XV. Problemas e produção e comércio*, publicado em 1962, em colaboração com Virgínia Rau; por fim com os “Dados sobre a emigração madeirense para o Brasil no século XVIII”, comunicação apresentada em 1963, no *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros* (Coimbra), publicada em 1965.

Ainda nos anos 60, apresenta a 1ª edição d'*O Bloqueio Continental. Economia e Guerra Peninsular* e culminando-os com “Les routes portugaises de l'Atlantique” (1969), em colaboração com Teixeira da Mota e Frédéric Mauro, na sequência de um Colóquio em Sevilha (1967). Foi aqui, por exemplo, que JBM definiu as 4 grandes rotas portuguesas do século XVIII: a) do Brasil; b) da Europa atlântica; c) do Mediterrâneo e da África do Norte; d) da América do Norte.

No início dos anos 70, enquanto olha com maior acuidade para a Teoria da História e para os problemas da História Política e da Administração, também se debruça sobre as relações luso-britânicas, apresentando “Portugal e o Duque de Wellington” (*Panorama*, 1970); “Uma tomada de posição: Portugal na História Económica inglesa. A

propósito do livro *The Portugal Trade*, de H.E.S. Fisher” (*DN*, 1972); e “A propósito do centenário da Aliança Luso-Britânica. A historiografia britânica sobre Portugal” (*Palestra*, 1973).

A partir de 1976, começou a publicar, na revista *Nação e Defesa*, uma série de textos sob o título de “Constantes e linhas de força da História Diplomática portuguesa. Estudo de geopolítica”, que constituiriam a essência da já referida *História Diplomática Portuguesa - Constantes e Linhas de Força* (1987), uma obra a vários níveis basilar e ainda hoje de referência.

É por esta altura, nos finais dos anos 70, que se verifica a sua *viragem para a Europa* ou, se preferirmos, a sua intensão de analisar a então (re)emergente questão europeia na política portuguesa, motivada não só pelo processo de integração na CEE, mas também pela necessidade de (re)afirmação do país, saído da Revolução, no espaço continental europeu.

Publica então “Uma perspectiva portuguesa para a integração europeia” (*Democracia e Liberdade*, 1979, que reedita em 1988, em *Portugal-Europa para além da circunstância*) e “Mercado Comum. Uma experiência nova para Portugal” (*O Dia*, 1981), também reeditado em *Os Portugueses no Mundo* (1983), mas agora sob a significativa forma de uma interrogação.

Eram alertas - em defesa da Memória colectiva - para a histórica dimensão europeia de Portugal, que JBM entendia estar a ignorar-se e/ou a esquecer-se. Algo que ainda mais reforçou em “O contributo histórico de Portugal para a formação do património cultural europeu” (*Democracia e Liberdade*, 1985) e depois, em 1986 (o ano da adesão), com: “A adesão de Portugal ao Mercado Comum: antecedentes históricos” (em *A adesão de Portugal à C.E.E*); “O espírito da Europa” (*Didaskalia*) e “Portugal e a Europa. A responsabilidade política do desenvolvimento” (*Semanário*). Em todos confirma a reconhecida profundidade da sua análise, mas também a actualidade com que hoje o relemos.

Consumada a integração, havia que preparar os múltiplos desafios que se anteviam, não apenas para Portugal, mas também para a (nova) Europa comunitária. Em 1987, publicou “Ensino e Cultura. Preparar o Desafio Comunitário” (*Cadernos do Instituto de Estudos Políticos*) e “Europa: que geopolítica?” (*Portugueses. Revista de Ideias*), apresentando em 1988, para além da reedição já atrás mencionada, “Portugal na perspectiva estratégica europeia” (*Estratégia. Revista de Estudos Internacionais*).

A partir dos anos 90, ultrapassada a fase inicial da adesão, verificamos a consolidação e o reforço das ideias de (re)afirmação da *Europa no Mundo* e de *Portugal na Europa*. No primeiro caso, com “A Europa como grandeza histórica”, no âmbito das “Semanas de Estudos Teológicos da UCP” (1989), cujo texto foi publicado em *Corpo e Espírito da Europa - Europa. A dimensão ética* (1990); no segundo, com “Portugal na nova distribuição das forças europeias” (*Nação e Defesa*, 1990).

Sem esquecer o importante ensaio “Portugal: um destino histórico”, publicado pela Academia Portuguesa de História (1990), na sequência de uma conferência nas *1<sup>as</sup> Jornadas Académicas da Espanha e de Portugal* (1988) e ainda “O carácter europeu dos descobrimentos e o sigilo nacional na sua realização” (1994).

Como se verifica, não é preciso mais do que uma rápida (e parcelar) retrospectiva à vastíssima obra historiográfica de JBM para que se possa destacar uma das suas principais características e preocupações, enquanto historiador: a necessidade - *constante* - de mostrar que a História só tem sentido quando responde aos anseios do tempo em que é escrita e quando ajuda a compreender e a encontrar respostas às dúvidas do presente. Mas fazendo-o de um modo organizado, estruturado, coerente e eficaz.

Revela-se assim, JBM, no seu centenário, um *historiador necessário*, pelo seu conhecimento e por *ter razão antes do tempo*.

Funchal, 27 de Fevereiro de 2021.